

Luís José Moreira Martins Raposo



É-me sempre grato e motivo de recolhimento desfolhar páginas da minha memória referentes ao Professor Doutor Luís José Raposo. Tive a ventura de o acompanhar durante mais de trinta anos e de usufruir da riqueza de tão distinto Mestre Universitário, Cirurgião e Cidadão.

A sua figura, a sua postura sugeriam tratar-se de alguém que transparecia serenidade e distinção. Elegante nas maneiras e no trato, dava atenção e era prestável a quem dele se abeirasse, sem discriminar destrições pessoais.

Em Luís José Raposo transparecia a figura insigne de seu Pai, o Professor Luís Raposo, cidadão de mais elevada estirpe com total entrega à Pátria – como médico esteve nas trincheiras da linha da frente na primeira Guerra Mundial e por actos heróicos recebeu múltiplas condecorações que incluíram a Cruz de Guerra – à Família, à Faculdade de Medicina, ao Hospital e ao Instituto Português de Oncologia, de cujo Centro em Coimbra foi fundador.

Iniciou a sua carreira na época em que surgiam os antibióticos e no Serviço dirigido por seu Pai e estagiou em Serviços de Cirurgia de renome mundial, de Barcelona, Lyon e Paris. Assim conviveu com Mallet Guy, Santz, Bertrand, Marcel Bernard, Hepp, d’Allaines, Caroli, cujas amizades cultivou.

Ao longo de quase meio século acompanhou e exerceu alguns dos imensos avanços da cirurgia e ajudou a divulgá-los pelo País: aconteceu na Cirurgia Pulmonar, na cirurgia dirigida à úlcera duodenal, ao cancro da mama, do cólon e do recto, à cirurgia das vias biliares e da hipertensão portal, à microcirurgia, à laparoscopia. Nas situações em que não era cirurgião a sua presença de apoio e estímulo era certa.

Para além de ter sido protagonista nas mudanças de conceitos fisiopatológicos e de técnicas cirúrgicas, foi-o também de mentalidades, nomeadamente das mentalidades comportamentais que agrediam os colaboradores para neles criarem respeito temeroso.

Não só facilitava mas instigava os colaboradores a estabelecerem contactos nacionais e internacionais. Foi pois um chefe aberto à iniciativa e desenvolvimento individual, à criação de “competências” nos diversos campos da cirurgia, sem que isso significasse desmembramento do Serviço, antes formação de um todo diversificado, uno e coeso.

Concerteza que o Serviço não esteve isento de problemas, incómodos e divergências de opiniões. Mas Luís José Raposo possuía atributos que não permitiam o afastamento da rota que decidira e fazia cumprir. Era escrupuloso na observância do que assumia ser seu dever e hábil na prevenção e na resolução de conflitos que geria com imparcialidade e coerência.

As suas preocupações eram dirigidas pela pedagogia. O rigor, a que se obrigava na leccionação pré-graduada era exemplar e os colaboradores seguiam-no naturalmente. Idêntica era a postura no ensino pós-graduação.

Não era por acaso que acorriam interessados a estagiar no Serviço que dirigia. É que sabiam que indicava caminhos, ajudava cada um a progredir na senda que escolhia, mas não contemporisava com desvios, antes exigia elevada eficiência e qualidade, competência científica e técnica.



Mesmo quando na crítica correctiva era veemente, fazia-a com rudeza mas sem vexar nem agredir.

Sob a sua tutela formaram-se múltiplos cirurgiões que se distribuíram por todo o País. Alguns prestaram Provas de Aptidão Pedagógica e outros, três, doutoraram-se e progrediram nas carreiras hospitalar e universitária.

Na técnica cirúrgica era exímio pela leveza e elegância dos gestos que completavam as características científicas do cirurgião. Não temia as dificuldades, mas conhecia as possibilidades que o acto operatório permitia. Conjugava a ponderação, a segurança e o talento com a prudência.

Sempre foi considerada a sua relevante eficiência e intenção permanente de valorizar e projectar a sua Faculdade, o seu Hospital e o IPO cuja cirurgia dirigiu durante décadas.

No Homem a dimensão material está intimamente ligada, prolongada, na dimensão espiritual. Alguns minutos após ter conhecido a amplitude da sua doença, deu conhecimento a dois colaboradores; fê-lo em confiança e em aceitação serena de quem conhece e dá sentido à existência efémera. A serenidade traduzia a formação espiritual sedimentada e enriquecida e estruturada ao longo dos anos no seio da sua Família, dos seus discentes, dos seus pares, dos seus doentes.

JOÃO BAPTISTA PATRÍCIO

